

México 68: memórias olímpicas

Mexico 68: Olympic memories

Lívia Gonçalves Magalhães

Professora Adjunta de História do Brasil República e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

Submetido em: 10/03/2018

Aceito em: 10/04/2018

DOSSIE

RESUMO

Este artigo propõe analisar as memórias do Comitê Olímpico Internacional (COI) e do Comitê Olímpico Mexicano (COM) 50 anos após a realização dos XIX Jogos Olímpicos de Verão na Cidade do México, em 1968. A partir da experiência do Rio de Janeiro como cidade sede dos XXXI Jogos Olímpicos de Verão em 2016, partimos para pensar os questionamentos históricos e manifestações que envolveram (e ainda envolvem) as cidades sedes que se candidatam e vencem as disputas para organizar tais eventos internacionais. As manifestações estudantis que marcaram os meses anteriores aos Jogos mexicanos, culminando no 2 de outubro de 1968, a dez dias da abertura oficial, no Massacre de Tlatelolco na Praça das Três Culturas, são hoje parte das disputas de memória sobre aquele período. Entendemos que, uma vez que a memória responde a demandas e experiências do presente, não podemos pensar tais disputas memorialísticas desconsiderando as muitas manifestações que ocorreram no Brasil e em diversas partes do mundo a partir de seus questionamentos aos modelos de megaeventos esportivos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpíadas; repressão; memória; México 1968.

ABSTRACT

This article proposes to analyze the memories of the International Olympic Committee and the Mexican Olympic Committee 50 years after the XIX Summer Olympic Games in Mexico City in 1968. The students' protests that took place months before the Games, culminating on the Tlatelolco Massacre in the Plaza de las Tres Culturas ten days before the official opening, are today part of the memory battles over that period. From the experience of Rio de Janeiro as host city of the 2016 Summer Olympics Games, we thought about the historical questions and manifestations that have involved (and still involve) the host cities that organize such international events. Since memory responds to the demands and experiences of the present, we cannot think of such memorialist disputes without considering the many manifestations that occurred in Brazil from their questioning of current sports mega-events models

KEYWORDS: Olympics; repression; memory; Mexico 1968

INTRODUÇÃO

«O Olimpismo procura criar um modo de vida baseado na alegria encontrada no esforço, no valor educativo do bom exemplo e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais»

International Olympic Committee

“Tlatelolco es incoherente, contradictorio. Pero la muerte no lo es” (PONIATOWSKA, 1971, p.170).

Em 2013, manifestações que começaram contra o aumento da passagem de ônibus em diversas cidades brasileiras tornaram-se movimentos massivos com amplas demandas, das quais destacamos a crítica à organização dos megaeventos esportivos. Se bem ainda se discute o caráter de tais movimentos, conhecidos (por enquanto) como *Jornadas de Junho*, é possível considerar que ali se marcava o início da contestação brasileira ao modelo dos megaeventos e às organizações esportivas e o poder das mesmas (Freixo, 2016). Se nos discursos oficiais eventos como os Jogos Olímpicos (JO, de inverno e verão) do Comitê Olímpico Internacional (COI) e as Copas do Mundo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) se colocam como espaços de união, paz e, geralmente, apolíticos, na realidade são tradicionalmente espaços de questionamentos e tensões diversas.

Eric Hobsbawn (1991) já chamava a atenção que o nacionalismo do pós-Primeira Guerra Mundial extrapolava as tradicionais áreas de disputas (fronteiras, eleições, etc.), e que o esporte passava a se destacar cada vez mais como importante espaço de manifestações nacionalistas. Neste sentido, como aponta Vasconcellos: “De regra, de quatro em quatro anos, divergências raciais, políticas e ideológicas apequenam-se ante luzentes eventos mundiais do esporte e as nações são convocadas não para guerrear, mas sim para competir e celebrar a (esperança da) paz” (2011, p.17).

Destaca-se também, e aqui nos serve mais para a proposta deste artigo, os interesses nacionais em utilizar tais momentos como propaganda de um determinado projeto de nação que se pretende divulgar ao mundo. Neste sentido, podemos comparar, dentro das limitações deste tipo de método de análise, o México dos anos 1960 e o Brasil da década de 2010 a partir da sucessão das organizações de grandes eventos esportivos internacionais¹. Segundo Barros, sobre a noção de História Comparada que nasce com Marc Bloch na década de 1920:

Comparar é um gesto espontâneo, uma prática que o homem exercita nas suas

¹ Em 1968, a cidade do México sediou os XIX Jogos Olímpicos de Verão e, menos de dois anos depois, o país foi sede da IX Copa do Mundo de Futebol. Por sua vez, o Brasil sediou em 2014 a XX edição da Copa do Mundo de Futebol e, logo depois, em 2016, o Rio de Janeiro recebeu os XXXI Jogos Olímpicos de Verão.

atividades mais corriqueiras, mas que surge com especial intensidade e necessidade quando ele tem diante de si uma situação nova ou uma realidade estranha. A comparação neste momento – diante do desafio ou da necessidade – impõe-se como método. Trata-se de iluminar um objeto ou situação a partir de outro, mais conhecido, de modo que o espírito que aprofunda esta prática comparativa dispõe-se a fazer analogias, a identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades, a perceber variações de um mesmo modelo (Barros, 2007, p.10).

É a partir desta perspectiva que nos interessa pensar a comparação dos Jogos mexicanos de 1968 com os cariocas de 2016 para, a partir de então, chegar ao ponto principal de nossa análise: as memórias olímpicas do México 50 anos depois. Afinal, trabalhar com memórias significa aceitar que as mesmas estão sempre em disputa, e são reflexo do presente (Halbwachs, 2004). Logo, entendemos que não há como pensar a construção atual das organizações esportivas sobre seu passado sem considerar os questionamentos, manifestações e oposições diversas que ocorreram nas últimas décadas². Os XIX JO cumprem seus 50 anos em um contexto no qual a imagem do COI e dos próprios Jogos são colocadas em questão.

Sobre a organização mexicana, no dossiê de candidatura estavam claros os objetivos:

Somos um país em desenvolvimento, estamos construindo um país moderno e, justamente por isso, não queremos que ninguém o destrua [...] o México está gastando e gastará mais, se necessário, para organizar os Jogos porque eles estão ligados ao próximo passo do nosso desenvolvimento. (Carrasco, apud Jiménez, 2016, p.11, tradução nossa)³.

Já no caso dos Jogos de 2016, como aponta Campos:

[...] o principal objetivo de receber um megaevento seria transformar definitivamente a capital carioca em uma cidade global. Particularmente atrativa para a reprodução ampliada de capital, o Rio de Janeiro se tornaria uma localidade dotada de vantagens competitivas quando comparada à concorrência mundial (outras cidades e regiões). Os megaeventos seriam, por assim dizer, uma ferramenta interessante para se adquirir vantagens comparativas na atração de capitais para as cidades-sede. (Campos, 2017, pp.152-153)

2 Como aponta Freixo: “É importante ressaltar que em várias partes do mundo já começam a ocorrer questionamentos à ‘ditadura’ exercida pelas organizações esportivas internacionais – como a FIFA e o COI -, que faz com que elas consigam, inclusive, ter ingerência nas questões internas dos países que sediam os eventos por elas organizados através, por exemplo, da imposição de alterações nas legislações nacionais com o objetivo de remover entraves legais à realização dos mesmos. Isto ocorreu em 2013, na Áustria, quando os cidadãos de Viena se opuseram a que a cidade se candidatasse a sediar os Jogos Olímpicos de 2028, por avaliarem que os altos custos do evento, por conta das exigências do COI, não compensariam os eventuais benefícios gerados por ele. O mesmo ocorreu em 2014, quando as principais forças políticas de Estocolmo, na Suécia, se posicionaram contrariamente à candidatura da cidade para sediar os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022” (2016, posições 260-261).

3 No original: “We are a developing country, we are building a modern country and precisely because of that, we don’t want anyone to destroy it [...] México is spending, and will spend more if it is necessary, to organize the games because they resemble the next step of our development”.

Portanto, vemos que o discurso de justificativa do México a princípio dos anos 1960 para sua candidatura não somente não se esgotou após o evento como desenvolveu-se e permaneceu décadas depois para a Organização do Rio 2016. Esta questão nos ajuda a pensar rupturas e continuidades no cenário internacional esportivo – considerando sempre, é claro, os limites deste tipo de comparação. Se ainda não podíamos usar o termo “mega” como adjetivo aos eventos anteriores aos anos 1980, não podemos tampouco ignorar práticas e usos que se mantém ainda na atualidade.

No caso mexicano, que de fato é o objeto deste trabalho, pensar as memórias olímpicas nos leva a refletir não apenas os movimentos estudantis que marcaram o país entre julho e dezembro de 1968, mas, principalmente, o momento que culminou na maior expressão da violência estatal, o Massacre de Tlatelolco no dia 02 de outubro, dez dias antes dos jogos. Para os organizadores, o Massacre aparecia como uma mancha na imagem que procuravam construir do país:

confusa, muitas vezes contraditória imagem do México surgiu durante o desenvolvimento desses planos, [...] o debate sobre caracterização do México foi influenciado por tensões entre uma elite social que procurou definir o México e a grande maioria do povo mexicano, que, a elite temia, não poderia cumprir os projetos para a nação (Brewster, 2006, p.100)⁴.

Apesar da repercussão internacional negativa, principalmente pela presença de jornalistas que já estavam no México para a cobertura do evento, os Jogos ocorreram sem maiores problemas. E se bem não houve manifestações durante o evento, o movimento estudantil permaneceu atuante pelo menos até dezembro do mesmo ano, quando finalmente o Conselho Nacional de Huelga (CNH, Conselho Nacional de Greve), organizado pelos estudantes da UNAM (Universidade Nacional Autônoma do México) em agosto de 1968, foi formalmente dissolvido. Já no campo esportivo, o México foi sede da Copa do Mundo de Futebol em 1970 e a competição foi a oportunidade para o governo mostrar internacionalmente um país pacífico, menos de dois anos após os conflitos do 2 de outubro.

Se não era de fato uma ditadura, o país também não era exatamente uma democracia. O México olímpico enfrentava uma crise política e institucional, iniciada com as manifestações de julho de

⁴ No original: “[...] confused, often contradictory, image of Mexico emerged during the development of these plans, [...] the protected debate concerning Mexico’s characterization was affected by tensions between a social elite that sought to define Mexico and the vast majority of the Mexican people, who, the elite feared, could not fulfill its designs for the nation”.

Veremos mais adiante que não era parte da pauta do movimento estudantil interromper, questionar ou prejudicar os Jogos Olímpicos. Ao contrário, as manifestações, de um modo geral, enfatizavam a compreensão dos Jogos como um projeto nacional, que incluía os estudantes enquanto categoria (Jiménez, 2016).

1968, que mostravam o esgotamento do pacto estabelecido a partir da Revolução Mexicana:

A crise de 1968 não foi uma crise estrutural que pusesse em questão a existência da nação; foi, acima de tudo, uma crise política, moral e psicológica de convicções e valores que sacudiu os esquemas triunfais da camada governante; foi o anúncio sangrento de que os tempos haviam mudado sem que mudassem as receitas para enfrentá-lo (Camin; Meyer, 2000, p.270).

Para o governo mexicano do presidente Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970), do Partido Revolucionário Institucional (PRI, no poder desde 1946), que reprimiu de forma violenta o movimento estudantil, era importante que as Olimpíadas, assim como a Copa do Mundo da FIFA dois anos depois, servissem como uma janela para o mundo de um país em mudanças, porém *controlado* político e socialmente. Ao mesmo tempo, o México era um país que recebia diversos exilados latino-americanos de esquerda, entre eles brasileiros, e receberia a partir de 1973 uruguaios, argentinos e chilenos, consolidando-se como um dos principais destinos dos exilados do Cone Sul. Era, assim, visto de diferentes perspectivas no mundo bipolarizado da Guerra Fria: não era exatamente uma democracia, embora também não se encaixasse nos modelos de ditaduras; mas era, sem dúvidas, um regime autoritário.

Portanto, apesar de nosso objetivo não ser exatamente a comparação entre os dois países, certamente é uma forma para começarmos a pensar o que de fato nos propomos nestas páginas: quais as memórias das organizações esportivas que hoje permanecem sobre os Jogos Olímpicos de México 1968? Partiremos, aqui, de duas organizações esportivas para tentar entender tais interrogações, o Comitê Olímpico Mexicano (COM) e o Comitê Olímpico Internacional. Nos interessa, 50 anos depois, comparar como as duas organizações responsáveis por aqueles Jogos hoje apresentam suas memórias sobre aquele México não tão distante.

1. O México Olímpico

No inverno de 1962, mais precisamente no dia 12 de dezembro, o prefeito da Cidade do México levou à sede do COI, em Lausanne, a candidatura da cidade para sediar os Jogos Olímpicos de 1968. Esta era parte de um projeto de imagem dos mexicanos, liderado pelo então presidente Adolfo López Mateos (1958-1964), que iniciou a proposta de festejos pátrios com as comemorações dos 50 anos da Revolução Mexicana, em 1960. Menos de um ano depois de se candidatar, em 18 de outubro de 1963, durante a 60ª Sessão do COI em Baden Baden, foi confirmada a vitória da capital mexicana como sede dos XIX Jogos Olímpicos de Verão modernos, organizados pelo Comitê Olímpico Internacional,

derrotando as concorrentes Detroit, Lyon e Buenos Aires. A decisão garantia a realização dos primeiros JO em um país latino-americano e em desenvolvimento⁵. E assim, entre os dias 12 e 27 de outubro de 1968, o país, e principalmente sua capital, vestiu-se de festa, ignorando os conflitos dos meses anteriores e fechando os olhos para os presos políticos e os mortos de dez dias antes.

Para compreender a escolha e o apoio do COI ao México é preciso considerar a geopolítica mundial dos anos de 1960, principalmente o contexto da Guerra Fria e dos anos pós-Revolução Cubana. O México se apresentava para o mundo por sua “excepcionalidade” no contexto bipolar: segundo o discurso oficial, obtinha um crescimento econômico sem autoritarismo ou governos militares, apoiado em uma democracia estabelecida pela regularidade eleitoral, apesar do partido único (Camin; Meyer, 2000). Ao mesmo tempo, era uma oportunidade do COI se reposicionar frente ao novo panorama mundial, cada vez mais complexo com as descolonizações na África e na Ásia, o que significava a entrada de novos Estados em organizações internacionais:

O COI, órgão esportivo máximo, havia funcionado tradicionalmente como uma agência europeia ocidental e norte-americana, admitindo gradualmente novas forças segundo seus parâmetros e condições. Agora, como outras entidades internacionais, os líderes do organismo esportivo deviam ajustar práticas para equilibrar a nova balança de poder político e militar vigente no mundo (Vasconcellos, 2011, p.98).

Em sua candidatura, o México se apresentou de forma positiva como um país em desenvolvimento, mas que caminhava para a modernização, e os JO seriam uma importante etapa nesta trajetória. Mas o fato é que a Cidade do México era vista com desconfiança como candidata, principalmente por duas questões: os altos gastos da organização e a altitude da capital. Mesmo após sua confirmação como sede, a cidade precisou convencer aos demais membros olímpicos que daria conta de um evento de tal porte. Neste sentido, como aponta Jiménez (2016), é fundamental compreender não apenas o momento em que os jogos de fato ocorreram, mas também sua preparação desde a candidatura.

Tanto na disputa para ser sede como na preparação e ao longo do evento o governo mexicano usou a retórica de que os Jogos eram do povo, um projeto coletivo nacional, inclusive sua organização. A *juventude* mexicana cumpria um papel especial nesse projeto: “Conforme expressado pelo Presidente do Comitê Organizador: ‘O compromisso desses Jogos não é do governo nem de um grupo, mas de todos

⁵ Os Jogos de 1968 também foram pioneiros em diversos outros aspectos: a obrigatoriedade do controle antidoping para os vencedores; o uso do cronômetro eletrônico como o oficial; a sede acima do nível do mar; a primeira mulher, Enriqueta Basílio, a acender a tocha olímpica na cerimônia de abertura (International Olympic Committee, Mexico 1968).

os mexicanos ... A juventude mexicana será a imagem de nosso país... essa é sua responsabilidade”⁶(Jiménez, 2016, p.13, tradução nossa). Portanto, a questão das manifestações estudantis às vésperas do evento tinha uma conotação negativa ainda maior no entendimento do governo, considerando que a breve exposição do país no período dos Jogos não poderia ser colocada em risco.

No ano seguinte aos JO, o Comitê Organizador Mexicano lançou em quatro volumes os relatórios finais do evento. O primeiro deles, intitulado “O país”, com 335 páginas, procurava apresentar um México nos mesmos moldes do discurso que prevaleceu desde a candidatura. O relato era de um país em desenvolvimento, superando barreiras e alcançando a modernização a partir, principalmente, dos anos 1940:

Hoje, os trabalhadores mexicanos – a maioria deles de famílias de agricultores – desfrutam de um padrão de vida que, como resultado dessas mudanças na composição da força de trabalho, melhorou muito durante os últimos trinta anos. No México, o progresso excedeu todas as expectativas⁷. (Comitê Organizador dos XIX Jogos Olímpicos do México, 1969, p.122, tradução nossa)

No projeto de organização, os mexicanos também inovaram com a proposta de uma festa olímpica e cultural: “A la par con los JO México 68 hizo su aparición la Olimpiada Cultural. El programa reunió a 91 de los 113 países que enviaron delegaciones deportivas, más otros seis que participaron en el campo cultural, en total, 97 naciones. Inició en el Palacio de las Bellas Artes” (Comité Olímpicos Mexicano 2018, Mexico68 Archives). Também valorizou-se o passado colonial, reafirmando as relações entre América e Europa: o itinerário percorrido pela tocha olímpica, por exemplo, reconstruía o caminho de Cristóvão Colombo entre a Espanha e o Novo Mundo (International Olympic Committee, Mexico 1968).

É interessante pensar tal proposta considerando, novamente, o relatório final publicado em 1969. Nele, o texto oficial considerava que parte da própria cultura tradicional mexicana era sinônimo de atraso e, portanto, sua superação era resultado e sinal de modernização e desenvolvimento:

Devido ao aumento da produção agrícola, os agricultores agora têm dinheiro suficiente para comprar produtos manufaturados. As camas estão substituindo as “petatas”, esteiras de palha que hoje são frequentemente vendidas como itens de decoração; botas de trabalho com sola de borracha estão tomando o lugar de

⁶ No original: “As expressed by the Chairman of the Organizing Committee: ‘The commitment of these Games is not of the Government nor of a group, but of all Mexicans... The Mexican youth shall be the image of our country... that is their responsibility”.

⁷ No original: “Today, Mexican laborers - most of them from farm families - enjoy a standard of living that, as a result of these changes in the composition of the labor force, has greatly improved during the past thirty years. In Mexico, progress has exceeded all expectation [...]”.

“huaraches” ou a vulnerabilidade dos pés descalços; e calças industriais são usadas em vez de calções brancos costurados em casa. Os pães garantem seu lugar ao lado de tortillas, enquanto a cerveja se tornou tão popular quanto o pulque. O milho é agora moído. Hoje, um médico - não o curandeiro - é consultado. E, em toda parte, as luzes elétricas iluminam as comunidades rurais e prolongam suas jornadas de trabalho⁸. (Comitê Organizador dos XIX Jogos Olímpicos do México, 1969, p.123, tradução nossa)

A estratégia mexicana não era desconstruir ou negar a imagem negativa do país (de atrasado, corrupto, e tantos outros preconceitos típicos no olhar da Europa e dos Estados Unidos para a América Latina), mas sim mostrar que esta imagem estava no passado. O México Olímpico era um novo país, ainda em desenvolvimento, mas no caminho certo para alcançar sua modernização.

Logo, se para o governo mexicano os JO eram uma importante plataforma de divulgação da imagem de um país moderno, para o COI era uma opção de garantir a realização do evento no turbulento ano de 1968 e em um período de tensões dentro da organização. Para nenhum deles era interessante o clima de tensão gerado nos meses anteriores pelos protestos estudantis na capital mexicana, palco do evento esportivo.

1.1 O movimento estudantil

Em sua análise sobre as relações entre o movimento estudantil e as Olimpíadas de 1968, Elías Jiménez (2016) inclui uma importante “variável” na equação: a população anfitriã. A originalidade está em pensar os mexicanos em todo o processo, desde a candidatura até a realização dos Jogos, e não apenas o movimento estudantil enquanto oposição. Desta forma podemos compreender as manifestações como reivindicadoras de direitos diversos, mas não como opositoras ao evento esportivo.

Não apenas os estudantes enquanto categoria *juventude*, mas o próprio espaço universitário estava incluído no projeto da organização dos Jogos. A UNAM tinha um papel central, e assim se manteve ao longo de todo o discurso oficial:

Cidade Universitária - que inclui o principal estádio dos Jogos da XIX Olimpíada - está localizada em um extenso fluxo de lava na parte sul da Cidade do México. Uma atração turística e um centro de educação, a Universidade Nacional Autônoma do

8 No original: “Because of increased agricultural production, farmers now have enough money to buy manufactured goods. Beds are replacing “petates”, the straw mats which are today often sold as decorative items; rubber-soled work boots are taking the place of “huaraches” or the vulnerability of bare feet; and ready-made trousers are worn instead of home-sewn white breeches. Breads have taken its place alongside tortillas, while beer has become as popular as pulque. Corn is now mill-ground. Today a medical doctor - not the medicine man - is consulted. And, everywhere, electric lights brighten rural communities and lengthen their workdays”.

México (UNAM) tem em suas instalações um conjunto completo de instalações esportivas, um jardim botânico e muitos imensos e impressionantes murais - todos os quais apresentam uma imagem característica do México moderno atual.⁹ (Comitê Organizador dos XIX Jogos Olímpicos do México, 1969, p.186, tradução nossa)

Mas a UNAM também era espaço fundamental nos movimentos estudantis que marcaram o México no ano olímpico. Em 22 de julho de 1968, os estudantes mexicanos fizeram sua primeira manifestação massiva por reformas e contestando os rumos políticos do país. Para Héctor G. L. Cantera (2017), o movimento de 1968 foi o ponto de partida para o processo de democratização do país, que atravessou décadas e segue em disputas. Já para Everaldo de Oliveira Andrade, o movimento estudantil de 1968 só pode ser entendido a partir da compreensão das condições próprias da realidade mexicana pós-revolução:

A universidade latino-americana sofria e era exposta a formas sistemáticas e institucionalizadas de repressão e opressão expressas nas tendências conservadoras do corpo docente. A fermentação do movimento estudantil crescia em um ambiente internacional revolucionário, mas que localmente se movia nos quadros do autoritarismo institucionalizado do regime mexicano. A mobilização dos estudantes mexicanos desenvolveu-se entre julho e outubro de 1968, às vésperas da abertura das olimpíadas no país. O movimento foi uma síntese contraditória da conjuntura internacional, do desenvolvimento das universidades no continente e do esgotamento do regime revolucionário mexicano saído da revolução de 1910-1917. (Andrade, 2008, pp.193-194)

Em sua *Crónica del 68 mexicano*, Cantera descreve, a partir de jornais e fontes da época, os fatos ocorridos entre julho e dezembro de 1968:

Octubre

[...]

La invasión a la Autonomía Universitaria fue considerada un atentado al último baluarte que había en América de la educación. Una vez más se discute el fondo del dilema universitario: no se trataba solo de un conflicto estudiantil, sino de una discusión sobre una reforma educativa. También se cuestiona el “agachismo” del estado mexicano y la realización de la olimpiada en un país donde podían aprovecharse los recursos destinados a ella para mejorar las condiciones de vida de sus habitantes (Cantera, 2017, posição 547).

9 No original: “University City - which includes the main stadium of the Games of the XIX Olympiad - is located on an extensive lava flow in the southern part of Mexico City. A tourist attraction as well as a center of education, the National Autonomous University of Mexico (UNAM) has on its premises a complete set of sports facilities, a botanical garden, and many huge, impressive murals - all of which present a characteristic image of modern-day Mexico”.

Foi em 2 de outubro de 1968 que os estudantes e apoiadores do movimento, levando cravos vermelhos como forma de protesto, se juntaram na Praça das Três Culturas, na unidade habitacional de Tlaltelolco, na Cidade do México. Neste local, apenas dez dias antes da abertura oficial dos Jogos Olímpicos na cidade, ocorreu o massacre por parte de militares e agentes policiais e paramilitares, que cercaram entre 5 e 10 mil pessoas, incluindo alguns jornalistas internacionais que já estavam na cidade para cobrir o evento esportivo, deixando um saldo ainda não confirmado de vítimas, que varia em denúncias e análises de pesquisadores entre 200 e 300, enquanto o governo afirmou à época não ultrapassarem de 4 as vítimas fatais (Andrade, 2008). O mundo passou a questionar-se não apenas se o evento ocorreria, mas se era a Cidade do México um local seguro para atletas e turistas.

O movimento estudantil mexicano de fato desviara as atenções dos JO, colocando em risco sua realização. Segundo Jiménez (2016), o que em parte nos permite compreender porque os JO ao final deram certo naquele contexto foi a confluência de 3 fatores: a violenta repressão estatal aos estudantes; o silêncio do COI frente a tal reação do governo mexicano; e o patriotismo de parte da população, que incorporou o discurso oficial do Comitê local de organização e sua retórica patriótica e de identidade nacional.

No conflituoso ano de 1968, a UNAM era mais do que a principal universidade do país. Ela era um espaço *de fato* de disputa entre estudantes e o governo, que a viam dentro de seus projetos políticos: para uns, o símbolo maior da luta estudantil e o espaço de organização dos mesmos; para outros, peça fundamental do plano internacional de divulgação pensado a partir da sede da Cidade do México para os JO. A construção de uma memória que excluía as manifestações estudantis de 1968 não se deu a longo prazo. Nesta luta de espaços e narrativas, a Organização dos JO não perdeu a oportunidade, no ano seguinte ao trágico (ou vitorioso?) ano de 1968, de iniciar a construção de uma UNAM como parte fundamental tanto do evento olímpico como do país que pretendia respaldar:

Com sua autonomia e liberdade acadêmica, a Universidade - um fórum de debate social e político livre - tende a refletir o clima político nacional. Os fundos federais, o único vínculo do governo com a Universidade, são alocados incondicionalmente. Os membros do corpo docente são livres para ensinar qualquer filosofia, e os estudantes podem apoiar qualquer causa ou ideal¹⁰. (Comitê Organizador dos XIX Jogos Olímpicos do México, 1969, p.187, tradução nossa)

10 No original: "With its autonomy and academic freedom, the University - a forum for free social and political debate - tends to reflect the national political climate. Federal funds, the government's only link with the University, are allocated unconditionally. Faculty members are free to teach any philosophy, and students may support any cause or ideal".

Iniciava-se, então, um discurso de *esquecimento* da violência e valorização da harmonia da festa por parte dos responsáveis do Comitê de Organização.

2. 50 anos depois: memórias esportivas

Pensar a construção de memória de organizações como as esportivas aqui propostas é pensar a construção da memória pública, orientadas

a supostamente unir membros de uma sociedade ao redor de uma história comum, mesmo se essas configurações narrativas dizem mais sobre a maneira pela qual o poder se coloca em cena e seus valores do que propriamente sobre a memória coletiva sobre a qual supostamente se apoiaria. (Michel, 2010, p.15)

Se bem está claro que os Comitês esportivos não são entidades públicas, os mesmos se colocam na sociedade em relação direta com Estados e outras esferas de poder nacionais. Assim, entendemos que a leitura de Michel nos permite compreender tais relatos memorialísticos de um ponto de vista mais abrangente e de acordo com a proposta apresentada neste trabalho.

Para pensar as diversas maneiras em que serão trabalhadas e construídas as memórias dos Jogos Olímpicos de 1968 pelo COI e pelo Comitê Olímpico Mexicano utilizaremos as referências disponíveis nas páginas web oficiais de ambas as organizações. Até a finalização deste texto, apenas o COM apresentou uma proposta de comemoração das 5 décadas dos JO, mas existem espaços no site do COI dedicados aos antigos eventos por ele realizados que nos permitem problematizar essas narrativas.

Para tanto, destacamos a importância de pensar os Comitês como organizações autônomas e distintas, mas relacionadas entre si através de uma relação de poder, exercida principalmente pelo COI. Ou seja, como organização principal e representante do Jogos Olímpicos e do *Movimento Olímpico*, o COI ocupa um lugar de liderança, referência e autoridade frente às organizações nacionais. Entretanto, como veremos, isso não significa a total falta de autonomia ou a reprodução de posicionamentos e discursos únicos por parte dos Comitês Nacionais. O COM nos permite pensar estas relações a partir da forma como diferencia hoje sua rememoração dos JO de 1968 comparadas ao discurso oficial do COI.

O Comitê Olímpico Internacional (IOC em sua sigla em inglês) foi fundado em 23 de junho de 1894, em Paris, França, apesar de hoje sua sede ser em Lausanne, na Suíça. Em 2009, o COI ganhou status de observador permanente na Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU). É a organização

responsável tanto pela realização dos JO modernos como pela manutenção do *Movimento Olímpico*, cujo objetivo “é contribuir para a construção de um mundo pacífico e melhor, educando os jovens através do esporte praticado sem discriminação de qualquer tipo, em um espírito de amizade, solidariedade e fair play”¹¹ (International Olympic Committee, The Organization, tradução nossa). Segundo o site oficial do COI, o *Movimento Olímpico* é formado por atletas, países e suas associações que aceitam serem guiados pelos princípios da *Carta Olímpica*, que também define as condições para as celebrações dos JO¹² (ibid).

Já o Comitê Olímpico Mexicano foi fundado em 23 de abril de 1923, e hoje em seu site oficial se apresenta como: “la institución que atiende en el país todo lo relacionado con la aplicación de los principios que conforman la Carta Olímpica, conjunto de normas y reglamentaciones del Comité Olímpico Internacional que rigen al Movimiento Olímpico en el mundo” (Comité Olímpicos Mexicano 2018, Que és el COM?), em consonância com o que é apresentado no site do COI. Mas, como veremos, quanto ao recorte memorialístico em relação ao evento de 1968, nem sempre as duas organizações coincidem.

O COI dedica uma parte de seu site para lembrar os eventos anteriores. Sem data específica de quando tais informações foram incorporadas, consideraremos aqui que, como as mesmas permanecem online, ainda podem ser pensadas como um discurso contemporâneo de memória. Neste espaço, o Comitê relembra algumas particularidades dos Jogos de 1968, como a dificuldade dos atletas frente a altitude da Cidade do México. Lá está a questão dos protestos dos atletas negros norte-americanos Tommie Smith e John Carlos que, ao receberem suas medalhas na disputa de atletismo, ergueram seus punhos fechados e abaixaram suas cabeças ao som do hino nacional dos Estados Unidos. Por tais protestos, ambos foram expulsos da Vila Olímpica (International Olympic Committee, Mexico 1968). Também recebe destaque na página o próprio ano de 1968, por sua importância política. É neste

11 No original: “The goal of the Olympic Movement is to contribute to building a peaceful and better world by educating youth through sport practiced without discrimination of any kind, in a spirit of friendship, solidarity and fair play.”

12 Sobre a o *Movimento Olímpico* e a *Carta Olímpica*: “O Movimento compreende três componentes principais: O COI: a autoridade suprema do Movimento; as *Federações Internacionais* (FI): são organizações não-governamentais internacionais que administram um ou vários esportes em nível mundial e abrangem organizações que administram esses esportes em nível nacional. Os *Comitês Olímpicos Nacionais*: sua missão é desenvolver, promover e proteger o Movimento Olímpico em seus respectivos países. Os CON são as únicas organizações que podem selecionar e designar a cidade que pode se candidatar para organizar os Jogos Olímpicos em seus respectivos países. Além disso, somente eles podem enviar atletas para os Jogos” (International Olympic Committee, tradução nossa). No original: “The Movement comprises three main constituents: *The IOC*: the supreme authority of the Movement; *The International Federations* (IFs): these are international non-governmental organizations administering one or several sports at world level and encompassing organizations administering such sports at national level. *The National Olympic Committees*: their mission is to develop, promote and protect the Olympic Movement in their respective countries. The NOCs are the only organizations that can select and designate the city which may apply to organize Olympic Games in their respective countries. In addition, they alone can send athletes to the Games” (International Olympic Committee, The Organization, grifos do autor).

contexto que o COI destaca os movimentos estudantis mexicanos: “O México não ficou de fora desta onda revolucionária – estudantes e professores fizeram greves e organizaram grandes manifestações e protestos, duramente reprimidos na Praça das Três Culturas” (ibid, tradução nossa)¹³.

É interessante perceber que, apesar de apontar a existência de conflitos políticos durante os jogos, não é feita por parte do Comitê Internacional qualquer tipo de consideração sobre sua participação em tais polêmicas. O silêncio em 1968, de certa forma, permanece, mesmo que apontando determinados acontecimentos. E, como bem destacou Halbwachs (2004), a seletividade da memória não deve ser ignorada, mas compreendida como uma negociação entre memórias coletivas e individuais. Ou ainda, como aponta Pollak, não podemos ignorar tampouco o esquecimento ou o “não-dito”:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p.8).

Em relação ao site do Comitê Olímpico Mexicano, as Olimpíadas de 1968 recebem um tratamento diferenciado, como esperado. O COM destaca em clima de celebração os 50 anos dos Jogos, com uma sessão especial de notícias e eventos que acontecerão entre janeiro e outubro de 2018. Entre as diversas entidades, instituições e organizações que participam das comemorações está a UNAM, como parte do espaço olímpico em 1968 (COM..., 12 out. 2017). A questão estudantil, entretanto, não aparece, ao menos até março de 2018, quando finalizado este artigo. De fato, até o momento, o COM apenas agrupou reportagens externas que divulgam a proposta de programação cultural liderada pelo Comitê Nacional, com festivais diversos (música, dança), mostras de cinema, etc (Inician..., 29 jan. 2018).

Por sua vez, a UNAM também prepara suas lembranças. Porém, no sentido oposto ao COM, a ênfase dada pela Universidade é ao movimento estudantil. Ao menos nos primeiros anúncios não são feitas menções às comemorações dos Jogos. É bem provável que eles apareçam ao longo da narrativa, principalmente na interpretação do Massacre de Tlatelolco, mas é possível afirmar que os JO não serão a referência para os 50 anos que pretende “comemorar” a UNAM (UNAM..., 7 mar., 2018).

É interessante perceber o discurso hoje de ex-atletas que estiveram presentes representando o

13 No original: “Mexico was not forgotten in this wave of revolution- students and teachers were on strike and held large protest rallies, bloodily repressed at the Square of Three Cultures”.

México em 1968, retomando algumas variáveis de décadas atrás:

Mientras que Felipe Muñoz, oro en natación en México 68, dijo que hace 50 años se apantalló al mundo. “Me da mucho gusto que el jefe de gobierno, que Olegario por medio del COM, se integren para festejar, y recordar a la juventud, de que somos capaces los mexicanos”. [...] En su oportunidad, Olegario Vázquez Raña expuso que en ese evento olímpico tuvo el honor de representar a su país como atleta en la disciplina de tiro deportivo. “Fui testigo del éxito que representaron estas inolvidables olimpiadas”. (Inician..., 29 jan. 2018)

Porém, um acontecimento destacado em uma das reportagens compartilhada chama atenção. Em 02 de outubro de 2017, exatamente na mesma data em que quarenta e nove anos antes o Estado mexicano massacrrou o movimento estudantil, “la CDMX [Ciudad de México] fue aceptada por la Unión Mundial de Ciudades Olímpicas, organismo avalado por el Comité Olímpico Internacional y que procura la promoción del deporte a través del legado olímpico” (COM..., 12 out. 2017). É impossível ignorar a coincidência das datas, e até março de 2018, quando foi finalizado este artigo, não aparecia na programação oficial do COM qualquer referência às manifestações estudantis de 1968, muito menos ao fatídico dia do Massacre na Praça das Três Culturas. Surpreendentemente, o 2 de outubro aparece não como lembrança, mas como inauguração de um novo acontecimento para o Comitê Nacional.

Pelo tipo de reportagens compiladas e compartilhadas pelo COM, percebemos que a memória que se pretende marcar no aniversário de 50 anos dos Jogos é bastante parecida com a da época do evento: de um país pacífico, sem conflitos, ignorando todas as manifestações e questionamentos estudantis, e enfatizando uma leitura de que os JO são resultado de um projeto nacional. Diferente do COI, nos relatos atuais do COM não existem sequer referências a qualquer tipo de conflito que fugisse à retórica oficial construída sobre aqueles dias de outubro de 1968.

3. Considerações finais

De acordo com Johann Michel, “podemos falar de políticas simbólicas para designar o conjunto de dispositivos e ações colocadas em prática pelas autoridades públicas para fabricar uma imagem idealizada e consensual da ordem nacional e proceder ao mesmo tempo uma autolegitimação do poder” (2010, p.14). A construção feita hoje pelo COM da memória dos Jogos de outubro de 1968 deve ser pensada a partir da procura atual de legitimação dos megaeventos em um contexto em que os mesmos enfrentam diversas críticas e questionamentos em todo o mundo.

Na mesma linha, retomando a comparação inicial feita em nossa introdução entre os Jogos de México 1968 e Rio 2016, é interessante refletirmos sobre a seguinte questão proposta por Lucas Pacheco Campos: “as Olimpíadas do Rio serão lembradas pelo ‘sucesso’ transmitido por meio das redes de televisão ou ficarão marcadas como os ‘jogos da exclusão’, conforme denominado por movimentos sociais?” (2017, p.153).

Encontramos aqui um importante ponto que diferencia os eventos de 1968 e 2014/2016. Se por um lado, como aponta Freixo (2016), a Copa das Confederações em 2013 agilizou o aumento das manifestações e de fato os megaeventos tornaram-se foco, apesar da forte repressão policial, a situação mexicana desencadeou-se de outra forma. Apesar de todas as denúncias internacionais da violência na noite de 2 de outubro, as manifestações mexicanas não se converteram em uma “inauguração” de protestos contra os grandes eventos esportivos. Ainda que com um caráter de denúncia contra as ações do Estado, o movimento estudantil não assumiu a não realização das Olimpíadas como uma bandeira de luta:

Reiteramos que nuestro Movimiento es independiente de la celebración de los XIX Juegos Olímpicos y de las fiestas cívicas conmemorativas de nuestra Independencia, y que no es en absoluto intención de este Consejo obstruir su desarrollo en lo más mínimo. Reafirmamos, además, que toda negociación tendiente a resolver este conflicto debe ser pública (*El Día*, 13/09/1968, apud Poniatowska, 1971, p.60)¹⁴.

É importante questionar se seria do interesse dos estudantes em 1968 incluir em suas pautas de luta a oposição às Olimpíadas. E quanto à repressão de 2 de outubro, como destaca Jiménez:

[...] não podemos levar em conta apenas a repressão governamental como o elemento que permitiu que os Jogos Olímpicos fossem realizados de acordo com os protocolos do COI. Também temos que considerar a identidade nacional. Desde que o movimento estudantil começou, muitos acreditavam que era uma conspiração para desacreditar o país, dada a atenção internacional recebida com as Olimpíadas. Isso levou os estudantes a tentar legitimar suas demandas, reconhecendo os interesses nacionais e afirmando que os Jogos não faziam parte de sua luta¹⁵. (Jiménez, 2016, p.28, tradução nossa)

14 Em sua obra clássica sobre o Massacre, Elena Poniatowska também destacou as manchetes de primeira página dos principais jornais mexicanos. Entre eles: “El sol de Mexico (Matutino) - Manos Extrañas se Empeñan en Desprestigiar a México. El Objetivo: Frustrar los XIX Juegos. Francotiradores Abrieron Fuego contra la Tropa en Tlatelolco. Heridos un General y 11 Militares; 2 Soldados y más de 20 civiles muertos en la peor refriega” (1971, p.165). É importante diferenciar a criminalização feita tanto pelo regime como pelos que o apoiava (e aqui incluídos parte dos meios de comunicação) em criar a imagem dos estudantes como “anti-México”. Porém, essa construção deve ser problematizada e não tomada como posicionamento real do movimento estudantil.

15 No original: “[...] we cannot only take in account the governmental repression as the element that allowed the Olympic Games to be held according to IOC protocols. We also have to consider national identity. Ever since the student movement began, many believed that it was a plot to discredit the country given the international attention received with the Olympics. This led the students to try to legitimize their demands, recognizing the national interests and stating that the Games were not part of their struggle.”

Neste sentido, é preciso compreender os diversos contextos, quando em 1968 tais eventos esportivos ainda se consolidavam na lógica do capitalismo internacional, e que o modelo que hoje conhecemos dos megaeventos ganham forma de fato a partir da década de 1970 e 1980¹⁶. Como vimos, as Jornadas de Junho de 2013 tampouco foram uma inauguração de questionamentos aos *mandos* e *desmandos* das grandes organizações internacionais esportivas como o COI e a FIFA. Só podemos, de fato, entender tais reivindicações brasileiras se as pensarmos em um contexto mais amplo, internacional, de denúncias e oposições à tais megaeventos e suas imposições aos países e cidades sede.

Finalmente, é importante destacar também que a análise dos diferentes discursos e das memórias construídos sobre México 1968 pelo COI e pelo COM explicitam diferenças entre o Comitê Internacional e o local. Apesar da exigência da conformidade com as políticas e orientações vindas do COI, os Comitês Nacionais encontram espaços para manter certa autonomia, sem que isso signifique um rompimento ou enfrentamento. O que percebemos é que para nenhum deles é interessante, no contexto atual de críticas, denúncias, investigações e prisões no mundo das grandes organizações esportivas, que as “comemorações” do 1968 mexicano destaquem a repressão e o silêncio. Tudo em nome do “espírito olímpico”?

Referências bibliográficas

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. México 1968: O massacre de Tlatelolco e a Universidade Latino-americana. *Projeto História*, São Paulo, n.36, jun. 2008, pp.185-196.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas, número 13, 2007, pp7-21.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, 1928, pp.15-50.

BREWSTER, Claire; BREWSTER, Keith. *Representing the Nation: Sport and Spectacle in Post-revolutionary Mexico*. Londres, New York: Routledge, 2010.

BREWSTER, Keith. Mexico City 1968: Sombreros and Skyscrapers. In: TOMLINSON, Alan; YOUNG,

16 No caso específico das Olimpíadas e das exigências do COI às sedes, Mascarenhas destaca que: “Desfrutando de bilhões de espectadores, essas cidades se transformam momentaneamente no admirado centro das atenções em escala planetária. Esse poder se apoia na profunda reformulação sofrida pelo olimpismo a partir de 1980, na gestão do catalão Juan Antonio Samaranch (1980-2001), que impulsionou a comercialização milionária dos Jogos Olímpicos” (2016, p.56).

Christopher (orgs.). *National Identity and global sports events*. New York: State University of New York, 2006, pp.99-116.

CAMIN, H. C; MEYER, L. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1919-1989*. São Paulo: EDUSP, 2000.

CAMPOS, Lucas P. A construção da cidade olímpica carioca: o que ficará na memória?. In: CALABRE, Lia, CABRAL, Eula D. T. e SIQUEIRA Maurício (org.). *Memória das Olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, volume 2, 2017, pp.152-167.

CANTERA, Héctor Gabriel L. *Crónica del 68 mexicano*. 2ed. México: Xgglc Publicaciones Editoriales, 2017, Edição digital para Kindle.

COM y CDMX unen esfuerzos para festejos 50 años de JO. **Comité Olímpicos Mexicano**, Cidade do México, 12 out. 2017. Disponível em: <<http://www.com.org.mx/com-informa/com-y-cdmx-y-unen-esfuerzos-para-festejos-50-anos-de-jo/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

COMITÉ OLÍMPICOS MEXICANO 2018. Disponível em: <<http://www.com.org.mx/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

_____. Qué es el COM?. Disponível em: <<http://www.com.org.mx/que-es-el-com/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

_____. Mexico68 Archives. Disponível em: <<http://www.com.org.mx/mexico68/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

COMITÉ ORGANIZADOR DOS XIX JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO. México 68. Jogos Olímpicos de Verão: Relatório final, v. 1. Cidade do México: Comitê Organizador dos XIX Jogos Olímpicos, 1969.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL. Disponível em: <www.fifa.com>. Acesso em: 01 mar. 2018.

FREIXO, Adriano de. Tudo à frente, nada à frente: protestos de rua e crise política no Brasil (2013-2016). In: FREIXO, Adriano de (org.). *Manifestações no Brasil: as ruas em disputa*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016, Edição Kindle, posição 53.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBBSAWN, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

INICIAN festejos del 50 aniversario de los Juegos Olímpicos México 68. **Comité Olímpicos Mexicano**, Cidade do México, 29 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.com.org.mx/mexico-68/inician-festejos-del-50-aniversario-de-los-juegos-olimpicos-mexico-68/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Disponível em: <<https://www.olympic.org>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

_____. Mexico 1968. Disponível em: <<https://www.olympic.org/mexico-1968>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____. The Organization. Disponível em: <<https://www.olympic.org/about-ioc-institution>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

JIMÉNEZ, Axel G. Elias. Modern Nation Building and Political Participation during the XIX Olympiad in Mexico City. *Relatório Final IOC Olympic Studies Centre*, Londres, 2016.

MASCARENHAS, G. A produção da cidade olímpica e os sinais da crise do modelo globalitário. *Geosp – Espaço e Tempo* (Online), v. 20, n. 1, 2016, p.52-68.

MICHAEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento?. *Revista Memória em Rede*, Universidade Federal de Pelotas, v. 2, número 3, agosto/novembro de 2010, pp.14-26.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, número 3, 1989, pp. 3-15.

PONIATOWSKA, Elena. *La noche de Tlatelolco*. Cidade do México: Ediciones Era, 1971.

UNAM presenta programa para conmemorar 50 años del 68. **La Jornada en línea**, Cidade do México, 7 mar., 2018. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/ultimas/2018/03/07/unam-presenta-programa-para-conmemorar-50-anos-del-68-847.html>>. Acesso em: 3 abr. 2018.

VASCONCELLOS, Douglas W. de. *Esporte, poder e Relações Internacionais*. 3ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.